



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por LAURA CHAVES

No alto da prateleira,
metido no seu cartuxo,
fala o arroz de primeira,
com Dona Massa de luxo.

Discussão acalorada:
O arroz, bastante orgulhoso,
afirma á Massa, escamada,
que o arroz é mais gostoso.

Logo as coisas da dispensa,
comentam, num escarcéu : :
—«Mas que parvo! Já é crença!
O mais gostoso sou eu!»

A Batata turva o rosto,
remungando tôda aflita:
—«Vocês sabem lá o gôsto
que tem a batata frita!»

—«Cale-me a bôca, Menina!
Em gôsto tudo desbanco!
Porque eu cá sou papa fina!»—
diz, solene, o Feijão branco.

—«Papa fina, que vaidade!
Não diga asneiras, lapuz!»—
bera altivo o Feijão frade,
deitando abaixo o capuz.

—«Eu, com cebola picada,
salsa, azeite e segurelha
tudo mexido, em salada,
fico de trás da orelha!»—



Volvem as Castanhas cruas,
saíndo fóra das cascas:
—«Vocês só caras, têm duas,
e é bom petisco... nas tascas!»

Nós, sim, que temos sabor!
Uma delícia! Um regalo!
Assadas no assador,
sômos pitança de estalo!»—

O presunto, em voz pausada,
afirma, então, doutoral:
—«Nós não sabemos a nada
se nos não deitarem sal!»—

Depois é que foram elas!
Os Géneros, malcriados,
abrindo muito as guelas,
responderam derromados:

—«Cale a bôca, seu Presunto!
Não diga coisas sem tino!
Bem se vê, pelo bestunto,
que o seu pai era um suíno!»

Lá porque o primo, o Toicinho,
um palerma deslavado,
vive sempre estascadinho
dentro do sal, é salgado,

não deve assim afirmar
com ar de grande senhor
que sem sal a acompanhar
nenhum de nós tem sabor!»

Um Peru, num taboleiro,
á espera de ser assado,
bradou todo sobranceiro
e foi veemente o seu brado:

—«Não há melhor iguaria
do que um naco de peru!
O sal é uma porcaria!
Se te agrada, come-o tu!»

(Continua na página seguinte)

Na "Matinée" do "Pim Pam Pum"

que se realiza, no dia 20, no Tivoli, o Anão Sabichão distribuirá aos seus pequeninos amigos um lindo brinquedo

Não há creança de Lisboa que não conheça, já, a grande noticia: no dia 20, no «Tivoli», realiza-se a grande «matinée» do «Pim-Pam-Pum».

O que os pequenos leitores do suplemento do «Seculo» ainda não conhecem bem é a extensão e a beleza do programa.

O teatro dos fantoches vai dar cênas nunca vistas.

Os distintos artistas Beatriz Costa, Vasco Santana, Santos Carvalho e Octavio de Matos, vão contar coisas de fazer rir um morto; e cantar canções engraçadíssimas; e anedotas sem rival.

O aparecimento do Anão Sabichão, em carne e osso, vai constituir um sucesso. Fará tropelias, no meio dos pequeninos, distribuirá doces, brinquedos, chocolates, e os seguintes versos que ele compôs ontem:

Versos para os meninos

Não me conhecem, pois não?
 'Stá bem, não ha mal algum.
 Eu faço a apresentação:
 — Sou o Anão-Sabichão,
 o Anão do Pim-Pam-Pum.

Aquele que ás quintas feiras, que é quando o jornal se tira, inventa mil brincadeiras e historias tão verdadeiras que até parece mentira;

o que adivinha as maldades dos meninos, e as partidas, o que tem habilidades p'ra descobrir as verdades e o que é feito ás escondidas.

Certo dedo adivinhão ha quem tenha, pelos modos mas eu possuo um condão... tanto n'uma ou n'outra mão, os meus adivinham todos.

Para mim não ha segredos, Sei de todos os assuntos sem precisar de bruxedos. Imaginem! São dez dedos a adivinhar todos juntos.

Mas não se assustem. De mim, que os visito de manhã, não lhes virá mal algum. Sou o vosso amigo Pim e se atiro a bola: — Pam, nunca faço Pim-Pam-Pum.

Gêneros... degenerados

(Continuado da página 1)

A carne, que espera o forno, ja muito bem preparada com cebolinhas em tórno, cospe com ar de enjoada. E todos, num desespero, numa berrata infernal, gritam contra êsse tempêro: —Morra! Fóra! Abaixo o Sal!—

Metido no seu boião, o Sal, compungido e mudo, medita na ingratidão d'êsses que lhe devem tudo!

A sopeira, ouvindo tal, para lhes fazer partida, não deixou pedra de sal, nessa tarde, na comida.

O Feijão, cozendo ao lume, aos pulinhos dentro de água, resmunga, num azedume, onde há uma certa mágoa:

—«Não tenho hoje o mesmo cheiro...
 Que é isto? Sinto-me mal!»

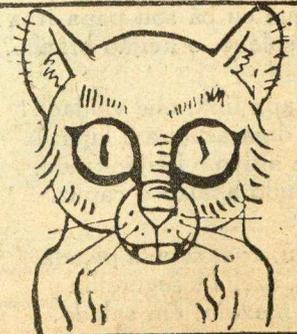
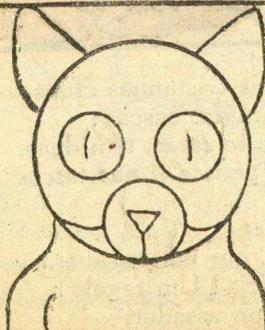
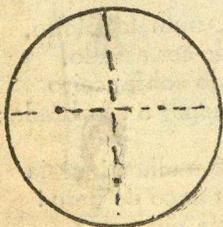
(e acrescenta, num berreiro:)
 —Será da falta do Sal?—

As pobres batatas fritas, saltando no azeite em espuma, dizem, repêsas, contritras: —Não temos graça nenhuma!—

A carne, nas cebolinhas, lágrimas de unto derrama e funga: —«Ai, filhas minhas, pareço mesmo de lama!»—

(Continua na página 3)

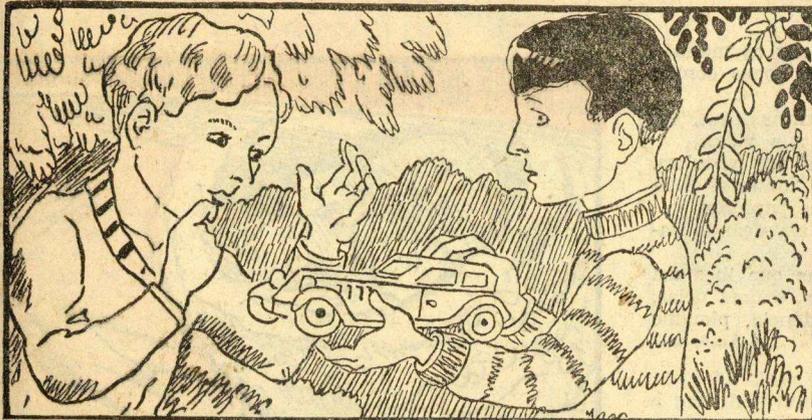
L i ç ã o d e d e s e n h o



Come se desenha um gato

O NINHO DE PASSARINHOS

Por FLORIMUNDO DA COSTA

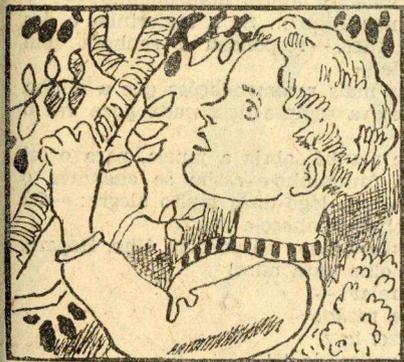


— «Renato, vem cá, depressa! Acha de fazer um precioso achado. — Olha, que lindo!... Um ninho de passarinhos... São melros, certamente. E eu que gosto tanto de melros!»

— «O Carlitos!... Deixa as pobres avezinhas em paz! Não vês como os pais soltam pios aflitivos só por haveres pegado na ramada onde têm o ninho. Não compreendes, decerto, a sua aflicção, pois, de contrário nem tu próprio pensarias em tal!»

— «Cala-te, tonto. Deixa-te de piéguices e ajuda-me a preparar á árvore. Ouves os passarinhos?! Devem estar quasi aptos a tomarem o vôo.»

— «Mais uma razão para os deixa-



res tranquilos. E depois de que nos serviriam eles engaiolados?! Não tardariam a morrer ou pelo menos viveriam infelizes, longe dos pais, do arvorêdo, enfim de tudo que mais amam e adoram!»

— «Não há duvida, és tudo o que tenho visto de mais estúpido! Pois eu, que gosto tanto de melros, havia de deixar o ninho ás mãos por causa dos teus escrúpulos tólos?! Grande pateta!... Ajuda-me, anda!»

— «Não; já te disse que não. De modo algum te auxiliaria numa tão feia acção: Acredita que destruir um ninho é uma crueldade sem nome.

Um ninho é um lar pequenino que todos nós devemos respeitar. Que sofrimento não seria o dos pobres mel-

ros se te vissem levar os filhitos criados com tanto amor e carinho?!

Não nos assiste o direito de destruir seja o que fôr e muito menos quando se trata da felicidade dos outros. Pensa bem no que vais fazer!»

— «A minha resolução é inabalável.

Os melros são meus e muito meus. E visto tu me não queres ajudar, dispensarei, de bom grado, o teu auxilio.»

E o Carlitos preparava-se já para trepar á árvore, quando o Renatozinho vendo que tódos os argumentos, para o demover de tão nefanda idéia, resultariam inúteis, o deteve para lhe apresentar um admirável automóvel de corda, com lâmpadas próprias, um lindo brinquedo...

— «Se deixares os melrinhos em paz, (disse com voz comovida,) dou-te o meu automóvel que tu achas tão lindo...»

— «Dás-mo? — (retroquiu, simultaneamente incrédulo e alegre, o Carlitos)— Deves estar pateta de tódo. Pais o que vale este insignificante ninho comparado com tão magnifica peça? Positivamente, fazes negócio de cego e eu quasi tenho escrúpulos em aceitar.»

— «Toma o automóvel, Carlitos.

Eu prefiro ver estas avezinhas felizes, a ficar com êle. E' negócio feito. Porém tu comprometes-te a não tocar no ninho.»

— «Juro-to, Renato.»

— «Pois, então, aqui o tens.

E, agora, adeus, Carlitos. Faz-se tarde e ainda tenho de estudar as lições para amanhã.»

— «Adeus, Renato.»

E o bom do Renatozinho lá se foi para casa com os olhos rasos de água, enquanto o seu amigo dava saltos e cabriolas, de contente, por tão belo contracto.

Na verdade, o Renato era duma patética extrema. Privar-se de tão belo objecto por um mísero ninho era de veras singular. E o Carlos, fazendo mentalmente estas tão pouco ajuizadas deduções, ia mirando e remirando o precioso brinquedo.

Como eram diferentes os pensamentos de Renato. Ele lamentava, é certo, a perda do seu querido automóvel, presente de seus pais, quando passara para a terceira classe. Gostava tanto de brincar com êle! Tinha-lhe tanta amizade que não podia esquecê-lo; era como se fôra um velho e bom amigo...

Mas a infelicidade dos melrinhos merecia bem o sacrificio. Depois de têr arrancado do peito um prolongado suspiro, enxugou os olhos e, compondo tanto quanto possível o seu ar habitual alegre, entrou cantarolando no solar.

— Na manhã seguinte levantou-se muito cedo e antes de ir para a escola, foi ver os seus melrinhos.

O espectáculo que observou consolo-o totalmente do grande sacrificio que fizera: o melro fêmea, saltitando alegremente de ramo em ramo, trazia no bico o sustento das pequenas avezinhas que chilreavam de contentamento, enquanto o pai, poisando próximo do ninho, como a revêr-se na prole abençoada, soltava, á brisa vespertina, os seus admiráveis gorgeios de soprano.

Como era encantador! E o coração sensível do Renatozinho dilatava-se numa grande alegria por ver a felicidade dos gentis passarinhos.

Ah, mas se êle pudesse compreender a linguagem da pequena família, salva a preço de tão grande sacrificio, como teria ficado comovido!...

— «Meus filhos, trilava o lindo melro empoleirado no ramo verdejante, não esqueçais nunca que deveis a vossa liberdade ao coração generoso deste adorável menino. Se êle vos não tivesse protegido, a estas horas estavam engaiolados, longe do nosso afecto, perdidos para sempre, enquanto eu e vossa mã carpiríamos saudades, impotentes para vos libertar. E', pois, nosso dever recompensá-lo por tão grande favor. A gratidão, meus filhos, é um dos mais belos sentimentos.»

— «Mas, recompensá-lo, como?! — interrogou, á uma, tóda a ninhada.

— «Tontinhos, bem se vê que sois

(Continua na página 6)



História duma Andorinha

Pelo ANÃO SABICHÃO

A GORA, na primavera, acordo todas as manhãs ao som duns *pius-pius*, muito meus conhecidos.

São as tagarelas das andorinhas, que, em revoadas alegres, tratam da sua vida.

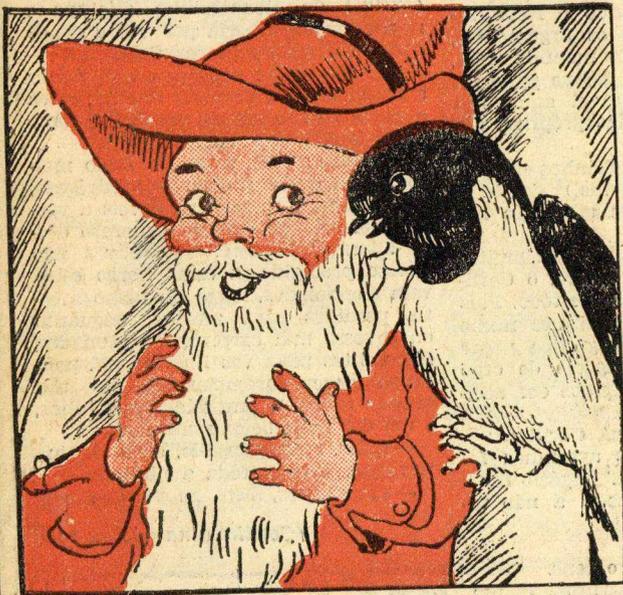
Muito contente por as ter por vizinhas, dou-lhes os bons dias, e desejo-lhes bom material para os seus ninhos e bela pitança para os seus papinhos.

Quando eu apareço, veem rodear-me, esvoaçando satisfeitas e conversam comigo.

Foi no decorrer duma dessas conversas que lhes dei parte que escrevia para o «Pim-Pam-Pum», e uma delas, pousou-me no ombro e, em ar de confiança, piou-me assim:

— Isto que te vou contar,
é uma história de pasmar!
— E' a minha, por sinal! —
Escreve-a lá no jornal
e verás que há-de ser lida
e decorada e retida,
por tódos os leitoresinhos
que são os teus amiguinhos.
Depois me dirás, Anão,
se eles gostaram, ou não! —

— Com o maior prazer, menina.
— Tremolina é que é o meu nome, — tornou ela, muito pronta.



— Pois menina Tremolina estou mortinho por a ouvir e radiante por ter uma história linda para o «Pim-Pam-Pum». —

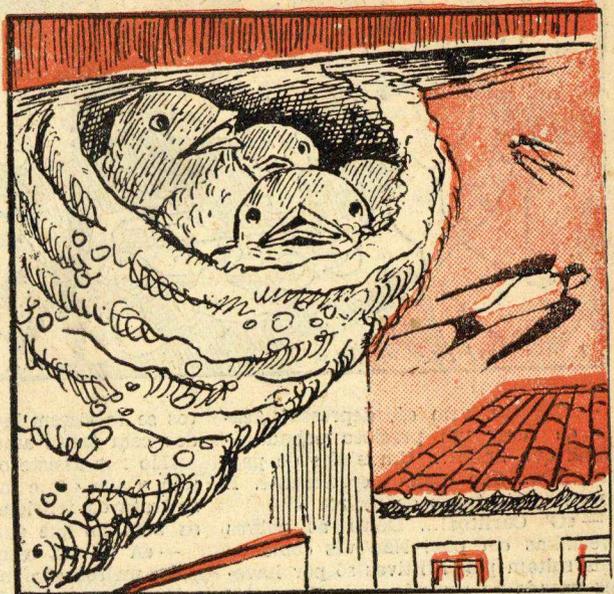
— Preste pois muita atenção, que o caso é de sensação! — disse a esperta andorinha.

E logo se pôs a contar, num piar muito doce o que eu aqui deixo escrito

— Foi numa linda terra de Portugal, por cima da janela duma casinha branca, que meus pais construíram o seu ninho.

Ali nasci, eu e mais cinco irmãos.

No primeiro dia em que pús a cabecinha fóra do ninho, logo ouvi uma voz meiga, excluir:



— Minha mãe venha cá vêr uma andorinha pequenina que está ali a espreitar sobre a janela. —

Admirada, inclinei-me um pouco mais e vi a carinha pálida dum rapazinho.

Apontava, para mim, com o seu dedinho esguio.

— Que lindos olhinhos tem!

Gostava tanto que ela fosse minha amiga! Mãisinha, é possível uma andorinha ser amiga dum menino? —

— E porque não, meu filho?... Se a andorinha é dos pássaros mais inteligentes. — respondeu a senhora com um sorriso de bondade —

Daf por diante, por mais recomendações que a minha mãe me fizesse, eu estava sempre debruçada para ver o meu amiguinho.

A senhora, logo de manhã, abria a janela, para o sol entrar em casa, e o Antoninho — assim se chamava o menino — mal me avistava, logo dizia muito alegre: — Cá está a minha andorinha! Conheço-a!

Tem uma manchinha branca ao pé dum olho. Repare, minha mãe, como ela olha para mim!

Parece que quere falar! —

O Antoninho tinha razão!

Queria poder dizer-lhe:

— Também gosto muito de ti!

E's um menino muito meigo e bonsinho. —

Quando começámos a voar, vim, logo, pousar no para-peito da sua janela, a-pesar-da minha mãe me dizer aflita:

— Cuidado, filhinha, as crianças são os nossos piores inimigos! —

Eu confiava na bondade do meu amigo e não desistia de me aproximar.

Ele, todo contente, dizia-me:

— Bom dia, Tremolina! E' este o nome com que te baptizei!

Eu tinha muita pena que o Antoninho não fôsse como tu, Anão Sabichão, que tão bem entendes a nossa língua, mas ia-lhe fazendo o meu piu-piu, mais terno, para lhe agradecer a sua amizade e atenções!

Quando crescemos o ninho tornou-se acanhado.

Então, o meu amiguinho, estendeu uma corda por baixo do telhado, para nós fazermos dela poleiro.

Ali dormíamos, chegadinhas umas ás outras, muito abrigadas do vento.



Um dia, ouvi o Antoninho dizer à mãe: — Parece-me que a Tremolina já vóo tanto como as andorinhas grandes. —

E a senhora respondeu:

Ainda bem! Assim terá forças para atravessar o mar. —

Com os olhos cheios de lágrimas, o meu amiguinho acudiu:

— Porque se não-de ir embora as andorinhas.

Podíamos fazer-lhes uma casa lá no sótão, para morarem no inverno. —

Não pode ser, porque além de não resistirem ao frio, nessa época não há os insectos que precisam para o seu sustento. —

— E para onde vão elas, minha mãe? —

— Para certos pontos de Africa e outras terras quentes, como a Madeira... —

— Quem me déra ir com as andorinhas!... O doutor diz sempre que se eu vivesse em sítios quentes, nunca estaria doente!... —

A senhora respondeu, com tristeza:

— Isso é bom de dizer! Infelizmente não somos como os pássaros!

E' preciso ter dinheiro para viajar e tu bem sabes que não o temos! —

O Antoninho, ficou pensativo, como refletindo no que a mãe lhe dissera.

Num dia de Outono, de vento desabrido, meu pai disse-nos: — Esta semana partimos daqui. O inverno está a chegar. Não tenham medo, a viagem correrá bem. Eu as guiarei. —

Fiquei muito triste ao lembrar-me que tinha de deixar o Antoninho, mas devia obedecer a meus pais que me diziam que morreria se teimasse em ficar.

Uma noite estava eu a dormir junto de minhas irmãs, quando senti a janela abrir-se e uma mãosinha agarrar-me.

O coração bateu-me apressado, enquanto o Antoninho me levava para perto da luz.

Examinou-me e disse alto:

— Não me enganei, minha mãe. Esta é a Tremolina. —

Depois, foi buscar um papelinho enrolado e atou-mo, com mil cuidados, por baixo duma asa.

— Levas o meu nome contigo, andorinha! Se fóres para casa dalguns meninos, gostava que eles soubessem o nome do teu amiguinho de Portugal.

E quem sabe se, assim, não te esquecerás de mim. —

O Antoninho, ao pôr-me outra vez na corda, deu-me muitos beijos de despedida.

A esta recordação, Tremolina estava muito comovida e, sacudindo as asitas, perguntou-me:

— Tem-te agradado a minha história, Anãosinho? —

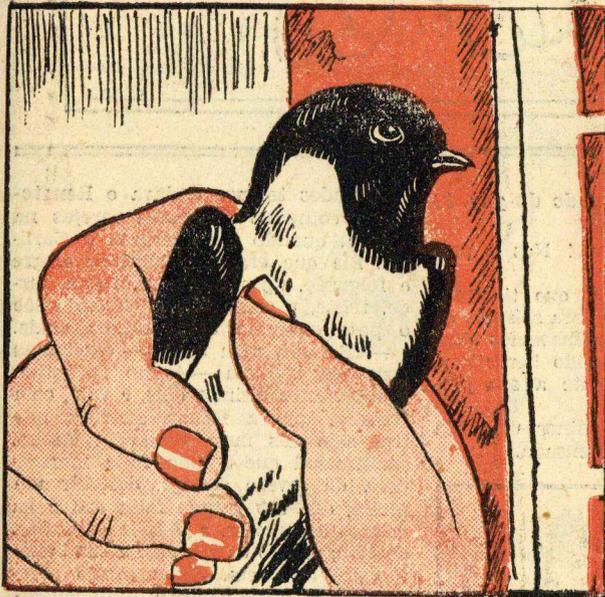
— Acho-a linda, Tremolina! —

— Por hoje não te conto mais nada. Vou tratar da minha vida. Amanhã voltarei á mesma hora. Tenho muito empenho que os leitores do «Pim-Pam-Pum» conheçam as várias circunstâncias extraordinárias que tornaram a minha vida tão curiosa e cheia de interesse. — Então, até amanhã, amigo Anão! —

E' a Tremolina, batendo as ásas, num vôo elegante, foi juntar-se ás companheiras e eu tratei de lhes vir contar o que lhe ouvira.

— Penso que os meus meninos ficarão no ar, assim como eu, pela continuação desta estranha história.

No entanto, é bom que se lembrem que se o vosso Anãosinho não entendesse a língua dos passarinhos a Tremolina não teria a quem contar a sua vida e esta linda história morreria com ela.



DESTINOS

Novela infantil por
GRACIETTE BRANCO

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar o original da continuação desta interessante novela que continuaremos a publicar no próximo número,

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas discipulas.

Apresento-lhes hoje o sr. Tótó, que, todo garrido, cheio de laçarotes, parece olhar-vos com uma certa altivez! E' que êle sente-se irresistível e a idéa de figurar, assim, bordado, num dos vossos frescos e leves fatinhos de verão, enche-o de orgulho! Decerto pensa consigo: Vou fazer um vistão! Também, embora isso para êle represente um grande sacrificio por não desgostar de ser colocado num guardanapo e, estou convencida, será, durante a refeição, um divertido companheiro para o bébé que o possuir.

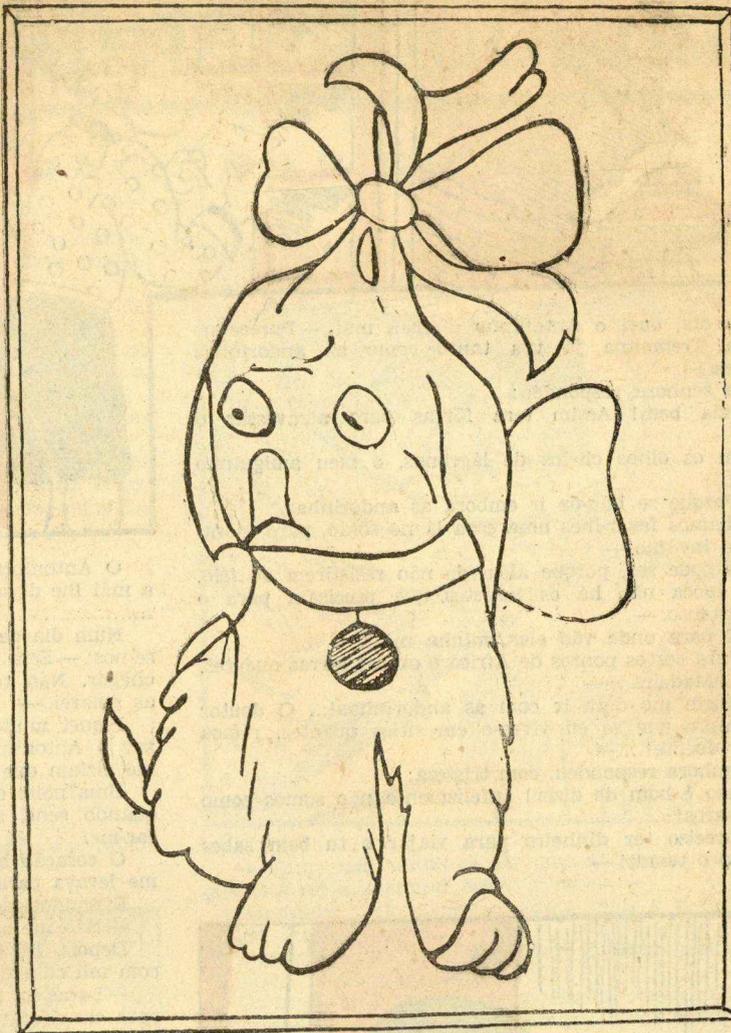
Os laçarotes e a bôca, encarnados, o guiso, amarelo e o nosso simpático amigo bordado a tons de castanho, teremos assim, um engraçado conjunto.

O ponto do bordado é o ponto pé de flôr.

Espero que a habilidosa abelhinha que me pediu o modelo dum «bicho» fique inteiramente satisfeita.

Brevemente satisfarei o pedido de um fatinho de malha para boneca que me foi também solicitado por uma gentil e assídua leitora. E até daqui a quinze dias, abraça-as a todas a

Abelha Mestreira



O NINHO DE PASSARINHOS (Continuado da pág. 3)

ainda uns inexperientes. Muito facilmente. Basta ajudarmos a defender, tôdos os dias, das larvas e mais insectos nocivos, os frutos e legumes da sua Quinta, as flôres mimosas do seu jardim».

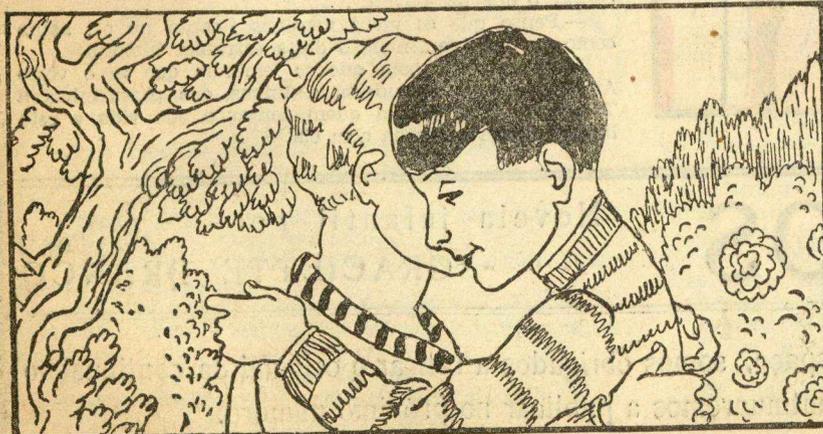
— «Só isso!» — retorquiram os melrinhos que achavam bem pequena a recompensa.

— «Nós o prometemos! Nós o prometemos!

Tu, verás papá; logo que tivermos a vitalidade suficiente para sairmos do ninho, como nós trabalharemos com afân para o nosso querido benfeitor».

E cumpriram fielmente a sua promessa.

Podeis crer, meus meninos, uma bôa acção é sempre recompensada.



Passados tempos andava o Renatozinho colhendo apetitosas cerejas na quinta, quando lhe apareceu o Carlitos. Ele que era naturalmente alegre e folgazão, apresentava-se, nessa tarde, triste, e como que sucumbido sôb o peso da alguma culpa desconhecida.

— «Renato, meu amigo — (exclamou com voz trémula) — tenho reflectido muito nestes últimos dias, e vejo, com tristeza, que a minha conduta não tem sido das mais louváveis. Assim, compreendi que é uma falta merecedora de severo castigo, destruir um ninho. Oh, tão grande falta estive eu prestes a cometer, e tê-la-ia cometido, decerto, se não tivesse sido a tua benéfica interferência. Estou muito arrependido e venho pedir-te humildemente, que me perdoes!»

— «Que idéa, Carlitos. — Eu nada tenho a perdoar-te. Confesso que me causou bastante pena vêr-te, nesse dia, patentear sentimentos tão pouco dignos, mas tudo isso passou e a amizade que por ti sentia, ainda não esmoreceu.»

— «Obrigado, Renato. — (murmurou o Carlitos, lançando-se nos braços que o seu amigo lhe estendia). — Terei sempre presente a tua nobre conduta. E nunca mais esquecerei o ninho dos passarinhos.

GENEROS... DEGENERADOS (Continado da pág. 2)

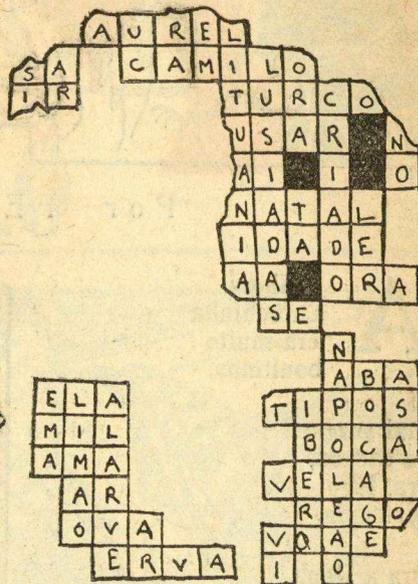
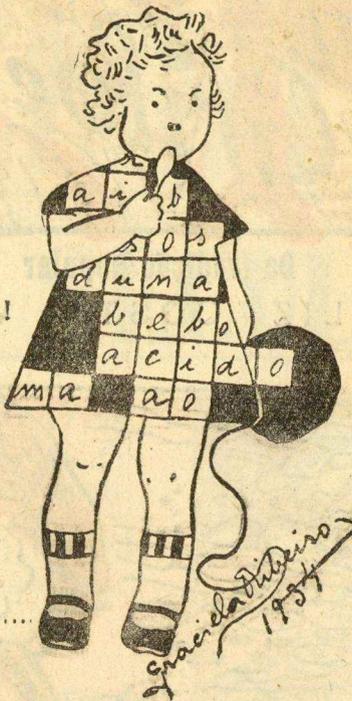
Palavras Cruzadas

E o peru, baixinho, então,
ao taboleiro insinua:
—«Sinto-me sensaborão!
Té pareço uma perua!»
Dêde a sopinha ao assado,
tòdos, numa berraria,
gritaram, no mesmo brado:
—«Já não temos alegria!»—

E o Sal, lá no seu boião,
pensa ao ouvir os seus ais:
—«Coitados! Que parvos são!
Até parecem mortais!»

A Patroa, nêsse instante,
vem á cozinha, danada,
e dá, que coisa vexante,
êste raspanso á criada:
—«Isto não tem sal nenhum!
Que grande sensaboria!
Dêde a sopinha ao pirum,
deita já tudo na pia!»

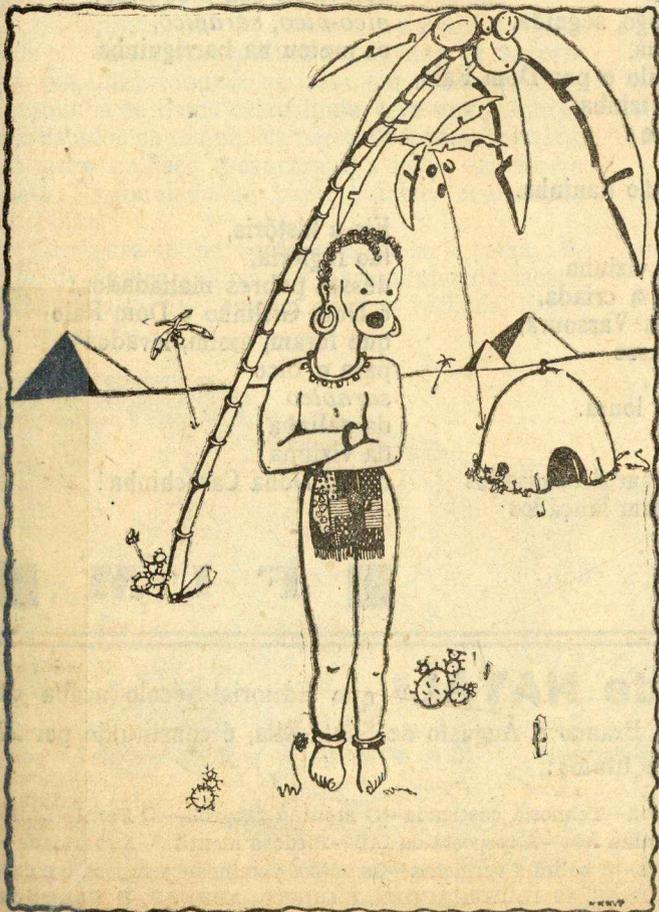
Nunca esqueçam, por favor,
de que o sal é, na comida,
o que a alegria é na vida:
—o sabor!



Soluções dos problemas anteriores

Para os meninos colorirem

Charadas em frase



Este pigmeu, ao pé daquele homem que é duas vezes maior do que êle, corre o risco de se estender no solo, a-pesar de ser um importante personagem dêste suplemento — 2-1-1-1.

A acusada foi observada antes de ser passado o exame à tropa em formatura — 1-2.

No oceano aquele homem comeu esta fruta — 1-2.

Ao bater-lhe no rosto êste fruto, desmanchou-lhe o cabelo — 2-2.

Ao sair da sua moradia êste animal mordeu o meu sobretudo — 2-2.

Ela olha esta provincia portuguesa dum mirante — 2-2.

Solução das anteriores: — 1 — Semana; 2 — Máscara; 3 — Reteição; 4 — Poema; 5 — Camarata; 6 — Monograma.

Solução dos enigmas anteriores: — 1 — Vizela; 2 — Portel; 3 — Mangualde; 4 — Lisboa; 5 — Sines; 6 — Pombal; 7 — Aveiro; 8 — Pinhel; 9 — Damão.



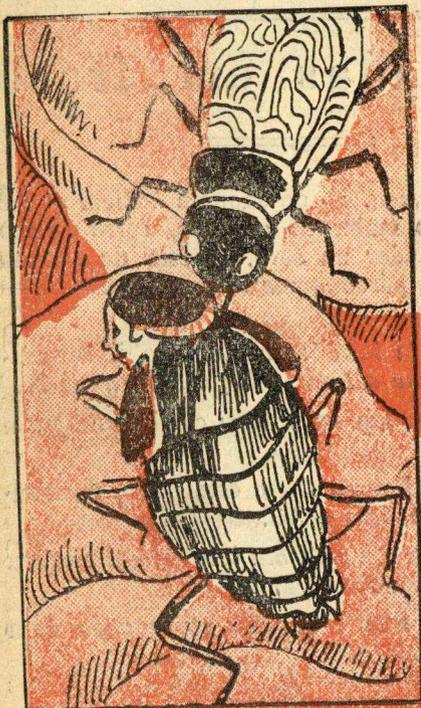
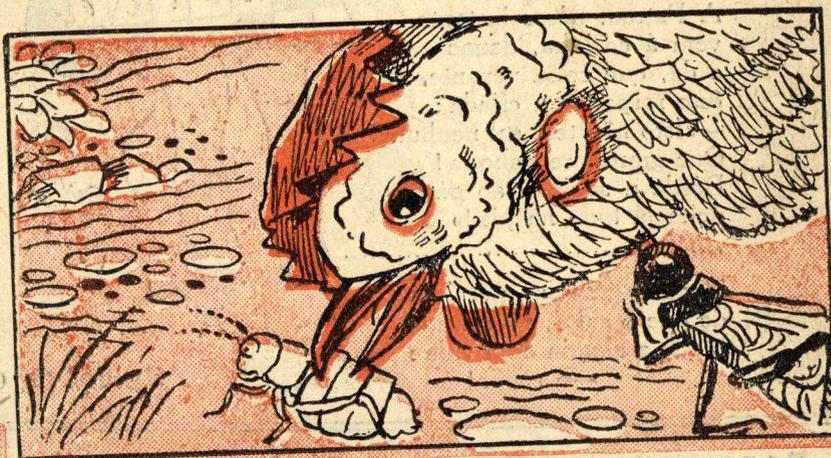
Da tradição popular

Por FELIZ COSTA VENTURA

A Senhora Carochinha era muito bonitinha.

Mal surgia na sacada, era, logo, cortejada.

Ora a Dona Carochinha foi a casa



da vizinha; mas sendo, logo, seguida, porta em porta, por Dom Grilo e por Dom Ralo, pediu à sua vizinha que, a livrasse sem demora, dessa gente tão daninha.

Então, a sua vizinha logo diz para a criada, Senhora Dona Vassoura, que os agarrasse e levasse à sua galinha loura.

Quando estavam descansados para a pá foram lançados e levados para o bico da galinha,

que lá no seu *pico-pico, pico-pico, sarapico*, os meteu na barriguinha.

* * *

Eis a história, tão inglória, desses pobres malfadados: o Dom Grilinho e Dom Ralo que foram, assim, levados para o bico *sarapico* da galinha da vizinha da tal Dona Carochinha!

■ F I M ■

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraia—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SÃO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos